

Opinião

Voz às escolas



ANTÓNIO PEREIRA Diretor do Agrupamento de Escolas de Maximinos

Processos de ensino e de aprendizagem orientados para o(s) aluno(s)

O início deste ano letivo é marcado pela introdução, formal e generalizada em todas as escolas, de planos de ação estratégica que visam a promoção do sucesso escolar. Com estes planos, inscritos no Plano Nacional de Promoção do Sucesso Escolar e construídos no seio de cada comunidade escolar, pretende-se dotar as escolas de instrumentos e meios que contribuam para que os alunos frequentem e concluam a escolaridade com “os saberes, as atitudes e os comportamentos necessários à vida em sociedade”, como pode ler-se no Edital da abertura das candidaturas ao programa.

O Agrupamento de Escolas de Maximinos não está inserido nesta candidatura pelo facto de ter, desde há vários anos, contratualizado um plano cujas áreas de ação prioritária, enquadradas pelo lema “Da aprendizagem à cidadania ativa”, se orientam para a promoção do sucesso dos seus alunos.

Embora o sucesso escolar seja, também, condicionado por fatores externos, à escola cabe o papel e a responsabilidade fundamentais na promoção das aprendi-

zagens bem sucedidas dos alunos, seja o sucesso medido nos resultados obtidos nos exames externos, na quantidade dos alunos que transitam ou nas condições criadas para aprendizagens eficazes para todos os alunos. No Agrupamento temos procurado enfrentar esta questão promovendo condições que criem percursos educativos de qualidade para todos os alunos. Este é um processo que resulta de uma reflexão permanente que obriga à revisão e adaptação das estratégias adotadas.

Aliada a esta reflexão e monitorização interna, a avaliação externa das escolas, realizada por avaliadores externos, constitui-se como uma oportunidade de melhoria, um instrumento de reflexão e de debate para as escolas. Identificando pontos fortes e áreas de melhoria, este olhar externo oferece elementos para a construção ou aperfeiçoamento de planos de ação para a melhoria e de desenvolvimentos.

Entre 5 e 8 de abril de 2016, o Agrupamento de Escolas de Maximinos foi objeto de uma avaliação externa que se cen-

trou em três domínios: resultados académicos e sociais, prestação do serviço educativo e liderança e gestão. Apraz-nos registar que nos três domínios em análise o Agrupamento foi avaliado com Muito Bom. Destacamos alguns dos pontos referidos no relatório final, começando pelo que nos induziu o título deste texto:

- “o processo de ensino e de aprendizagem está orientado para responder às capacidades e aos ritmos de aprendizagem dos alunos. Algumas das estratégias utilizadas para esse efeito são a constituição de grupos de homogeneidade relativa de alunos (...) o apoio ao estudo desenvolvido no âmbito do trabalho colaborativo entre docentes (...) para recuperar dificuldades de aprendizagem, a implementação de planos de apoio temporário para trabalhar necessidades identificadas em algumas disciplinas ou para enriquecimento de alunos com capacidades de aprendizagem excecionais”;

- “os resultados académicos, situam-se, globalmente, acima dos valores esperados para as escolas/agrupamentos de contexto análogo”;

- “o desenvolvimento pessoal e social e a educação para a cidadania são aspetos que merecem grande atenção”;

- “o trabalho colaborativo (...) está instituído e manifesta-se, sobretudo, na planificação conjunta das atividades letivas, na dinamização de projetos e atividades (que em alguns casos envolvem todos os níveis de escolaridade), na formação interpares, na partilha de recursos e nas experiências de trabalho em pares”;

- “de uma forma geral, a comunidade educativa manifesta satisfação com a ação educativa e com a qualidade dos serviços disponibilizados, (nomeadamente) com a qualidade e exigência do ensino, a avaliação das aprendizagens, a abertura ao exterior, o bom ambiente educativo e a disponibilidade” das diversas estruturas de liderança e gestão.

Estas conclusões permitem-nos pensar que o agrupamento, com a cooperação da comunidade em que se insere, tem assumido as responsabilidades e obrigações inerentes a uma escola que, sendo pública, é uma escola para todos.

Votos de bom ano.

Estamos mergulhados em tradições até ao pescoço

Ainda na passada semana, naquele espaço exíguo em que está o túmulo de S. Gonçalo de Amarante, as pessoas circulavam à volta do mesmo e afagavam o rosto e os pés da estátua que o encima, contribuindo para essa espécie de escarificação que é comum observar-se em todas as figuras de santos que estão ao alcance dos peregrinos ouromeiros ou simples turistas curiosos que fazem como vêm fazer em terra onde estão. O alcance do significado deste gesto pode carecer de muitas e estudadas palavras, mas se o ligarmos ao nosso presente de gestos mediadores e afetivos com pessoas que estimamos, entraremos mais depressa no seu âmago: estamos a estabelecer um contacto com o passado e a trazê-lo para o nosso presente, com toda a densidade de mistério e de revelação que precisarmos. Ainda há um mês, na

romaria de Nossa Senhora da Peneda, uma multidão de tocadores de concertina se recolhia no Templo e pedia a bênção do senhor padre, num cerimonial tão antigo como o de todas as bênçãos, descendo depois o escadório a tocar uma antiquíssima cantilena a Maria, Regina Polorum, curiosa interpretação de uma melodia do velho Livro Vermelho de Montserrat, códice de 1399 que recomenda na abertura: «Porque os peregrinos desejavam cantar e dançar enquanto mantinham a vigília noturna na igreja de Santa Maria de Montserrat, e também o desejavam de dia; mas na igreja não se devem cantar senão melodias castas e pias, e por isso foram escritas as canções que aqui aparecem. E devem ser usadas com modéstia, cuidando que ninguém que esteja orando e contemplando devotamente seja perturbado.» Porque é que no nosso presente precisamos



JOSÉ HERMÍNIO
DA COSTA MACHADO
Associação Cultural e Festiva 'Os Sinos da Sé'

Voz às tradições

de enraizar os nossos gestos e os nossos comportamentos num passado apaziguador de toda a conflitualidade e inspirador de harmonia? Vem a propósito uma citação, ou apanhado de entrevista, que colhi em John Banville, escritor irlandês, já nos 70 anos, quando veio a Portugal, em Maio passado, apresentar o seu livro *A Guitarra Azul*, acerca desta necessidade de um tempo mítico fundador

de todas as tradições: «É o mito do Jardim do Éden: achamos sempre que, no passado, tudo corria bem e éramos felizes. Mas o passado era o presente. Era tão aborrecido e cinzento como é agora o presente, mas algo acontece que torna o passado vibrante e luminoso, de uma forma que não pode ter sido quando era presente. Há duas possibilidades: ou imaginamos o passado ou não valorizamos suficientemente o presente quando o estamos a viver. Estamos constantemente a olhar para o que virá a seguir e a ignorar o que está aqui.» (<http://observador.pt/especiais/john-banville-os-homens-nao-crescem-somos-bebes-grandes/>) As tradições circulam connosco à velocidade em que estamos: estão entranhadas antes de mais na linguagem: toda a história das palavras reflecte as variações de construção do sentido e nos reenvia para expe-

riências fundadoras, numa concretização da longa duração que já tem a linguagem com o mundo; estão entranhadas no edificado, patrimonial ou não, como de repente se descobriu nesse regresso à ideia de uma humanidade que precisa de resguardar todo o seu património (vejamos como se desenvolvem os movimentos de organização do património material e imaterial da humanidade); estão entranhadas nos eventos cíclicos, festivos, celebratórios, rituais (até os concertos de rock ou pop já não passam sem os momentos tribais de acendimento da vela votiva, seja isqueiro ou telemóvel); estão entranhadas no acumulado de cada área do conhecimento, científico mesmo (todas as descobertas têm um passado de ansiedade); estão entranhadas nas imagens, nos sinais, nas configurações até que a natureza vai exibindo. Voltaremos ao assunto.